



Revista Cocar. Edição Especial. Nº36/2025 p.1-20 ISSN: 2237-0315
Dossiê: Currículos, corpos femininos, corpos lgbtqiapn+ e as pesquisas com os
cotidianos nos diversos espaçostempos educativos

**Deus, pátria e família na terra dos parças: reflexões sobre gênero, extrema-direita e uma
pedagogia da crueldade**

*God, country and family in the land of the parças: reflections on gender, the extreme right and
a pedagogy of cruelty*

Amanda Motta Castro

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Rio Grande-Brasil

Desirée Pires

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Pelotas-Brasil

Raylene Barbosa Moreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Rio de Janeiro-Brasil

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal refletir sobre gênero e a ascensão da extrema-direita no Brasil, tendo como pano de fundo o “Caso Robinho”. Robson de Souza, conhecido como Robinho, foi jogador de futebol no Brasil e na Europa. Em 2022, o jogador foi julgado na Itália e condenado a nove anos de prisão pelo estupro coletivo de uma mulher Albanesa de vinte e dois anos na cidade de Milão, onde residia e jogava pelo time de futebol Milan. Quando o jogador percebeu que seria preso, fugiu para o Brasil. A partir disso, a justiça italiana passou a pedir que ele cumprisse a pena em solo brasileiro, uma vez que o Brasil não extradita brasileiros natos. No dia 20 de março de 2024, o Superior Tribunal de Justiça decidiu pelo cumprimento, no Brasil, dos nove anos da pena pelo crime de estupro coletivo. Atualmente, o ex-jogador cumpre sua pena na penitenciária Doutor José Augusto César Salgado, em Tremembé. Tomamos como ponto de partida para a análise o *podcast* “Os grampos de Robinho” e acompanhamos, na própria voz do jogador, os detalhes mais sórdidos de uma “pedagogia da crueldade” (Segato, 2018). O que está em questão aqui é um crime praticado por Robinho e seus “parças”.

Palavras-chave: Gênero; Conservadorismo; Pedagogia da crueldade.

Abstract

This essay's main objective is to reflect on gender and the rise of the far-right in Brazil, with the backdrop of the "Robinho Case." Robson de Souza, known as Robinho, was a football player in Brazil and Europe. In 2022, the player was tried in Italy and sentenced to nine years in prison for the gang rape of a 22-year-old Albanian woman in the city of Milan, where he lived and played for the Milan football team. When the player realized he would be arrested, he fled to Brazil. After that, the Italian justice system requested that he serve his sentence in Brazil, since Brazil does not extradite native-born brazilians. On March 20, 2024, the Superior Court of Justice decided that Robinho should serve his nine-year sentence for the crime of gang rape in Brazil. The former player is currently serving his sentence at the Doutor José Augusto César Salgado Penitentiary in Tremembé. We used as a starting point for this analysis the *podcast* “Os grampos de Robinho” and we follow, in the player’s own voice, the sordid details of a pedagogy of cruelty (Segato, 2018). What is at stake here is a crime committed by Robinho and his friends.

Key-words: Gender; Conservatism; Pedagogy of cruelty.

Introdução

*“Vamos lutar pela verdade”
Donatella Colasanti*

A maior parte dos homens brasileiros jogadores de futebol que estão em um nível mais elevado de carreira e possuem visibilidade conta com uma rede de outros homens, chamada de “os parças”. Essa rede funciona como um grupo que “faz tudo”, “topa tudo” e “limpa tudo”. Trata-se de um dos pactos da “macharada”: um grupo de homens que se ajudam e, acima de tudo, se protegem.

Mais de um século de feminismo sistematizado nos leva a compreender, teoricamente, que o pacto entre os homens existe. No livro “O poder do macho”, escrito por Heleieth Saffioti em 1987, a autora apresenta de forma didática os papéis sociais atribuídos às categorias de gênero.

A impunidade em relação aos crimes de gênero é histórica. Por isso, é importante que as questões de gênero não estejam nos “guetos”, pois elas são frutos de contextos e circunstâncias históricas. O “Caso Robinho”, como popularmente ficou conhecido, reflete a impunidade que os crimes de gênero assumem no atual contexto político-social. Robinho foi acusado de estupro coletivo contra uma mulher na Itália e fugiu para o Brasil após ser condenado a 9 anos de prisão.

Ainda, considerando o contexto dos crimes dos parças, apresentaremos o caso do jogador Daniel Alves, que contou com o apoio do jogador Neymar Júnior. O primeiro mencionado foi condenado por estupro e recebeu o direito de cumprir sua pena em liberdade provisória após o pagamento de um milhão de euros à justiça espanhola. Condenado como culpado em 2024 recebeu a pena de quatro anos e meio de prisão, cujo tempo já vinha sendo questionado, visto que a família de Neymar pagou cerca de oitocentos mil reais no início do processo e conseguiu reduzir a condenação.

Tragicamente, os crimes de jogadores brasileiros principalmente contra mulheres no continente europeu são mundialmente conhecidos. Esses crimes mostram a pior face do nosso futebol. Nós já sabíamos que os crimes aconteciam e percebíamos através de entrevistas de jogadores bem como da sistematização feminista o que eles pensam sobre nós, mas no caso Robinho temos um elemento incomum: Todos os telefones dos envolvidos foram grampeados, não apenas os telefones, mas também os carros. Após o julgamento os

áudios foram divulgados pela justiça italiana. É preciso muito estômago para ouvir a coisificação e a natificação da mulher naqueles áudios. Ouvir uma sequência de conversas em que os homens envolvidos falam sobre o crime com a maior naturalidade. É difícil ouvir, mas é pedagógico. O que eles pensam sobre as mulheres? Aqui fazemos buscamos fazer reflexões feministas sobre o caso e os áudios que hoje estão públicos para quem quiser ouvir.

Para compreender o chamado “Caso Robinho”, é preciso:

- i) reconhecer que crimes de ódio e extrema-direita estão intimamente interligados;
- ii) perceber que a misoginia compõe uma das premissas da extrema-direita;
- iii) conhecer a história do Massacre de Circeu;
- iv) compreender a luta das mulheres feministas na Itália para que o crime de estupro fosse qualificado como um crime contra a pessoa.

O massacre de Circeu

Em setembro de 1975, um crime chocou a Itália. O local turístico San Felice Circeo, ao Sul do país, ficou marcado para sempre. Ali ocorreu o Massacre de Circeoⁱ. Duas mulheres, Donatella Colasantiⁱⁱ (1958-2025) e sua amiga Rosaria Lopez (1956–1975), foram levadas por três jovens de “boa família”: Andrea Ghira, Angelo Izzo e Giovanni "Gianni" Guidoe. Os três jovens, estudantes universitários, socialmente muito bem educados, gentis e ligados à extrema-direita, convidaram as jovens para ir até a casa de praia para uma festa, e quando elas chegaram, descobriram que não havia festa alguma.

As duas amigas foram estupradas e torturadas por 35 horas consecutivas (Gentilhomme, 2018). Após esse período, Donatella fingiu estar morta, e ambas foram colocadas pelos criminosos no porta-malas de um carro, modelo FIAT 147 branco. Os criminosos, tranquilamente, pararam o carro para jantar e pouco depois se envolveram em uma briga com dois jovens militantes comunistas, que por puro acaso cruzaram o caminho dos delinquentes.

Às 22h50 do dia 30 de setembro de 1975, com o que restou de suas forças, Donatella bateu de dentro do porta-malas pedindo ajuda. Um vigia ouviu e chamou a polícia. O porta-malas do FIAT 147 foi aberto, Rosaria Lopez já estava morta, aos 19 anos. Donatella foi resgatada, chegou ao hospital com o nariz fraturado, inúmeros ferimentos no corpo e na alma.

Figura 1: Foto do FIAT 147. Porta malas abertos. 1975.



Fonte: <https://www.culturabologna.it/events/i-mostri-del-circeo> 2024

Quando o massacre ocorreu, em 1975, o estupro não era considerado crime contra a pessoa, mas sim contra a moral pública. O caso gerou um debate intenso na Itália e mobilizou o movimento feminista, que lutou para que os homens fossem julgados e condenados pelos crimes de estupro. Vinte e um anos após o crime, a lei italiana foi finalmente alterada, e a violência sexual passou a ser considerada um crime contra a pessoa.

Os criminosos do massacre de Circeu foram condenados à prisão perpétua, porém não permaneceram encarcerados: Angelo Izzo foi libertado 25 anos após sua condenação por bom comportamento. Ao voltar às ruas, matou outras duas mulheres e retornou à prisão; Andrea Ghira passou a vida como fugitivo e morreu no Marrocos em 1994; Giovanni "Gianni" Guidoe obteve redução de pena e está em liberdade desde 2009.

Em 2019, foi constituído o Prêmio “Donatella Colasanti e Rosaria Lopezⁱⁱⁱ” contra a violência contra a mulher, com o objetivo de estimular o debate nas escolas sobre o tema da violência e consentimento de gênero. O prêmio busca incentivar a reflexão entre os jovens, promovendo uma revolução cultural baseada na convivência entre homens e mulheres, na igualdade e no reconhecimento mútuo. Essa abordagem é considerada a melhor prevenção possível contra a violência.

Podem concorrer ao prêmio estudantes que frequentam instituições de ensino e formação no Lácio (região da Itália Central). Os projetos podem ser apresentados em quatro categorias:

1. trabalhos escritos (contos, poemas e ensaios);
2. material audiovisual (videoclipes, comerciais e curtas-metragens);
3. criações artísticas (desenhos, pinturas, fotografias e banda desenhada);
4. produtos musicais de qualquer gênero musical.

Donatella Colasanti se tornou uma incansável ativista feminista, dedicando sua vida à luta contra a violência contra as mulheres. Em 2020, sua casa foi reaberta como um centro antiviolença.

Sob a perspectiva da pedagogia da crueldade: a extrema-direita no Brasil e a “benção aos parças”

Antes mesmo do golpe de 2016, que resultou no *impeachment* de uma presidenta democraticamente eleita, é possível observar que houve o fortalecimento de uma extrema-direita e o enrijecimento de um conservadorismo no Brasil.

Biroli (2020) aponta que há algo de novo nas disputas em torno do gênero no século XXI, principalmente após a segunda metade, e que, no Brasil, isso estaria representado por uma onda de ódio e conservadorismo. Ainda que em muitos países da América Latina as disputas ocorridas entre 1980 e 2000 nos permitam observar um processo de liberalização e democratização a partir de uma perspectiva de gênero, podemos perceber que a relação entre grupos progressistas e conservadores aconteceu em um ambiente muito mais plural do que no período ditatorial. As estratégias, a linguagem e as frentes de ação de agendas conservadoras se estabeleceram dentro de contextos com certo equilíbrio político.

Isso se deve, sobretudo, à disseminação de um pensamento neoliberal, que não é operado apenas por determinado grupo político. Ele se ajusta de acordo com os ventos; porém, é no pensamento conservador que ele encontra terreno fértil, não operando apenas na economia de um país, mas regulando de maneira moral e sexual a sociedade.

No neoliberalismo, as ações econômicas nem sempre se justificam pela sua eficácia, mas sim, pela pretensa ideia de uma “liberdade social”. Nessa lógica, assim como em uma “empresa”, as pessoas são levadas a crer em uma falsa noção de liberdade, segundo a qual suas ações são justificadas pela noção de propriedade de si. Em outras palavras, cada indivíduo seria único e completamente responsável por si mesmo. Nessa “engenharia social”,

as pessoas seriam moldadas para transformar suas subjetividades (Safatle, Silva e Dunker, 2020).

O que se deve considerar, no entanto, é que para que essa liberdade seja garantida, dentro dessa perspectiva, o Estado precisa controlar a sociedade até que essa racionalidade econômica seja internalizada, de maneira que esse controle perpassasse pelo campo moral e social. O que esses grupos conservadores têm realizado é a legitimação de um discurso econômico a partir de um discurso moralizante.

Para Brown (2019, 2024), neoliberalismo e neoconservadorismo funcionam como correntes distintas, mas que convergem dentro de um cenário contemporâneo da política. Embora Brown (2019; 2024) utilize os Estados Unidos como referência, podemos fazer um paralelo com o Brasil, considerando que a autora explicita que ambos — neoliberalismo e neoconservadorismo — arruinariam a democracia constitucional. Enquanto o neoliberalismo restringiria a capacidade política e estatal, o neoconservadorismo moralizaria o poder estatal nas esferas doméstica e internacional. Assim, o neoliberalismo é um projeto moral.

O neoconservadorismo, por sua vez, defende as tradições morais, mas essa defesa acontece por meio da instrumentalização da disputa política. Um exemplo é a antiga ideia de que os papéis de gênero seriam mais visíveis porque as mulheres cuidavam das demandas da vida doméstica e familiar, enquanto os homens assumiram suas responsabilidades “de homens”. Os defensores dessas tradições morais utilizam uma visão que aceita e naturaliza as desigualdades de gênero como resposta a um suposto declínio da ordem moral.

A defesa de uma configuração de família “tradicional” também aparece ancorada nesse discurso. Para o pensamento neoconservador, a família é formada por um homem e uma mulher, com variações entre as formulações tradicionalistas, sendo o homem aquele que provê financeiramente e a mulher, dependendo do contexto, também considerada importante para a prosperidade da família. Quando analisamos os casos dos jogadores, que serão melhor descritos no decorrer do texto, percebemos esse cenário muito bem delineado. Inclusive, a própria esposa de Robinho fez sua defesa, alegando que seu marido agiu de acordo com impulsos masculinos. Ou seja, é uma perspectiva essencialista que molda os papéis de gênero dentro de um pensamento neoconservador, no qual, inclusive, as mulheres legitimam esse discurso.

Ao refletir sobre a relação intrínseca entre neoliberalismo e neoconservadorismo, Biroli (2020) discute o impacto que a religiosidade, particularmente o neopentecostalismo, exerce no fortalecimento desse pensamento, sendo as mulheres as maiores responsáveis por sua disseminação. As mulheres que aderem às igrejas pentecostais são oriundas da classe trabalhadora, de baixa renda e afetadas pela precarização do Estado. Mesmo enfrentando essa insegurança, dentro de uma perspectiva moral, essas mulheres reivindicam a centralidade da família. Essa reivindicação, entretanto, não está atrelada puramente à domesticidade feminina. Ela atua tanto sobre as subjetividades femininas quanto masculinas, redefinindo-as de maneira que ilude ao fazer crer que as mulheres estão mais próximas da esfera pública, enquanto os homens permanecem no domínio familiar.

Acontece que, dentro desse contexto, a partir das sutilezas por trás do discurso neoconservador, a repetição da violência é normalizada e molda o que a autora Rita Segato (2018) chama de uma pedagogia da crueldade. Essa pedagogia, inserida na fase apocalíptica do capital, é composta por atos e práticas que retiram toda a vitalidade da própria vida. Mata-se de forma “desritualizada”. Nessa lógica, podemos classificar os crimes cometidos contra corpos femininos ou feminilizados como provenientes dessa crueldade, na qual o sofrimento se converte em um espetáculo banal e cotidiano.

Ainda, sob a perspectiva de Segato (2018), a afirmação é que as masculinidades estão mais propensas à crueldade porque sua socialização ocorreu para agir dessa maneira, enquanto as feminilidades são empurradas à posição de objetos, sujeitas à submissão, típico de um discurso neoconservador. Porém, abordar essas questões a partir de um viés cultural é perigoso, pois tende a naturalizar as violências cometidas contra as mulheres. Especificamente nos casos que são trazidos neste texto, obter aval equivale a receber a bênção para os crimes cometidos, ou seja, contar com a proteção de seus companheiros, que não apenas participam das práticas violentas, mas também as acobertam.

Os crimes sexuais não são causados por homens com problemas mentais, mas expressam uma estrutura simbólica que organiza nossos atos e fantasias. Esse é um crime de complexa compreensão, porque não se apresenta apenas na ordem material. Ele anuncia algo, comunica algo, e esse algo é geralmente dirigido a uma mulher. Além disso, quando analisamos a evolução dos casos, é possível observar ainda mais claramente o fenômeno da

“ordem das bicadas”, apresentado por Saffioti (1987) e estruturante até os dias atuais, o qual demonstra que quem ocupa o topo da pirâmide social é o homem.

Casos Robinho e Daniel Alves, o parça Neymar e o apoio a Bolsonaro

Primeiro, no caso de Robinho, a vítima é uma mulher albanesa de 22 anos. No dia de seu aniversário, em 2013, a vítima decidiu comemorar com suas amigas em Milão. A vítima, apesar de conhecer um dos amigos de Robinho, que a convidou para se juntar a eles durante a festa, afirma no documentário da rede de *streaming* Globoplay: “Não fomos ficar com eles, pois estavam acompanhados da mulher de Robinho”. Ainda, ao tentar explicar o que aconteceu, a vítima continua suas declarações: “Se aproveitaram de mim... Todos eles”.

No local da festa, após a esposa de Robinho ir embora, ele e seus amigos permaneceram e se juntaram à vítima, com quem dançaram e consumiram bebidas alcoólicas. A vítima relata que não bebeu tanto assim, mas que foi perdendo a consciência de maneira intermitente, tendo apenas breves flashes daquela noite e alternando entre momentos de maior e menor lucidez. Mesmo nesse estado, Robinho e outros cinco amigos levaram a mulher para outro local, onde, de fato, ocorreu o que a justiça italiana entendeu como estupro coletivo.

A vítima denunciou o caso quatro meses após o crime, mas os indiciados só foram contatados um ano depois. Foi após essa intimação judicial que a justiça italiana iniciou as escutas telefônicas das pessoas envolvidas no caso e que ainda permaneciam na Itália. Os envolvidos riam, debochavam, faziam piadas da situação e demonstravam plena convicção de que seriam absolvidos. Afinal, o caso já havia acontecido há mais de um ano, o que dificultava a coleta de provas. Robinho, que já havia sido julgado por crime de estupro na Inglaterra em 2009 (O Globo, 2024), mas teve o caso arquivado por falta de provas, acreditava que o mesmo aconteceria desta vez.

Em conversa com um dos parças, apelidado de Falco, Robinho questiona se havia câmeras no local. Quando o amigo afirma que não, ele comemora, pois essa poderia ser uma prova contundente do que teria acontecido naquela noite. A banalização da violência se mostra a cada minuto da escuta dos áudios, como explicitado no seguinte trecho:

Falco: Ela não lembra de porra nenhuma neguinho. Porra nenhuma, mano
Robinho: Mas como ela não não lembra que nós comemos ela? Se ela foi depor...

Falco: Não. Ela lembra tipo assim, a situação... Ela sabe também. caralho. Todo mundo bombando a mina. A mina por força, no outro dia acorda e ela sabe que alguém comeu ela. Ela lembra da situação. Mas, ela não lembra se foi 1, 2, 5, 6, 10 caras. Entendeu? Agora se ela lembrasse, ela ia dizer que sabia que eu estava junto com os cara (Documentário: O caso Robinho, 2024).

Mesmo diante desse cenário e já sob investigação da polícia italiana, Falco e Robinho continuaram alegando que não participaram “tanto assim” do ato, afirmando que quem de fato iria responder pelo crime seriam os outros amigos que estavam no Brasil. Dessa forma, tentaram jogar toda a responsabilidade pelo ocorrido sobre os demais. Ainda assim, protegiam-se mutuamente e, mais uma vez, a culpada era apontada como sendo a própria vítima, como se ela tivesse causado a situação em que se encontrou.

Robinho: De qualquer forma, pode jogar para os muleque. Eles tão lá na casa do caralho.

Falco: Exato. Mas lógico que jamais eu ia falar que os moleque comeram mesmo, isso, isso, isso. Não, passei o pano também.

Robinho: É, porque também tu tava junto também.

Falco: Exato, tava junto também. Não posso também. De repente, os moleque aparecem aqui e falam assim, não comemos, tá bom, mas ele também tava. Passei pano pra não me complicar. Pau no cu dela. Vagabunda é ela (Documentário: O caso Robinho, 2024).

No ano de 2020, o jogador mencionado foi condenado em primeira instância na Itália por participação em estupro coletivo, como já explicado anteriormente, com base na palavra da própria mulher estuprada. Robinho foi condenado a nove anos de prisão pela justiça italiana. Em janeiro de 2022, quando houve a decisão em última instância, Robinho já estava no Brasil. A Itália pediu o cumprimento da pena em território brasileiro, e a Corte Especial do Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu pelo cumprimento da pena por estupro, determinando que a decisão deveria ser cumprida pela Justiça Federal de Santos, onde Robinho reside.

Mesmo após a condenação, Robinho teve espaço em um canal de TV aberta, onde afirmou sua inocência. Um fato importante a ser considerado é a ampla divulgação do caso na mídia brasileira, em diversos veículos. Mas o que todas as pessoas têm a ver com isso? Trata-se da relativização da violência de gênero sofrida, como descrevemos inicialmente, considerando o contexto da pedagogia da crueldade. Há uma tentativa de minimizar a gravidade das acusações. Vamos além: durante o vazamento de áudios, tudo parecia combinado entre os "parças". Risadas e deboches foram registrados nos áudios vazados de

Deus, pátria e família na terra dos parças: reflexões sobre gênero, extrema-direita e uma pedagogia da crueldade

aplicativos, acompanhados pela culpabilização da vítima. Eles não se sentiram responsáveis; pelo contrário, sentiram-se livres para agir como bem entendessem.

“*Solo sí es sí*”, é com esse slogan da nova lei sobre o consentimento sexual na Espanha que construiremos perspectivas sobre o caso do jogador Daniel Alves. “Fazendo uso da força” e “sem consentimento” são algumas das afirmações da vítima ao descrever o ocorrido. Bastou ter aceitado o convite feito por Daniel Alves para ir a uma área reservada de uma festa para que a violência sexual tivesse início, ainda que ocorresse em público. Relatos e registros apontam para ações que impediram o direito de ir e vir da vítima, incluindo insultos, violência física e sexual. O que se tem certeza, e o que foi reafirmado em todas as mídias, é a firmeza da vítima ao narrar os fatos e levar o caso adiante.

Com o avanço da extrema-direita, sobretudo após a eleição do governo Bolsonaro (2018-2022), a violência, principalmente a de gênero, passou a ser abertamente exaltada. Racismo, xenofobia, homofobia e misoginia emergiram do ambiente privado para ocupar o centro dos discursos de muitos líderes políticos, especialmente o do então presidente mencionado.

Jair Bolsonaro, parlamentar por algumas décadas e ex-militar expulso da corporação, ganhou visibilidade por suas falas agressivas e seu discurso de ódio. Defensor da tortura e da ditadura militar, ele foi precursor de ataques à democracia e é conhecido por declarações que defendem a morte de pessoas LGBTQIAP+. Em uma ocasião, afirmou a uma deputada que só não a estuprava porque ela “não merecia”. No centro de seus discursos estava a suposta luta contra a “ideologia de gênero”, banalizando a discussão teórico-prática sobre gênero — conceito que será discutido no próximo ponto deste artigo.

Com a propagação das chamadas *fake news*, nas quais Bolsonaro participou ativamente, juntamente com fundamentalistas, líderes religiosos e apresentadores de rádio e televisão, uma grande massa autointitulada “conservadora” sentiu-se livre para destilar ódio, especialmente contra as chamadas minorias sociais.

Jogadores como Neymar, por exemplo, declarados evangélicos, sempre demonstraram apoio a Bolsonaro, tanto nas eleições de 2018 quanto nas de 2022. Analisando algumas declarações de Neymar, é possível notar a associação explícita entre Deus, Bolsonaro e o Brasil como elementos inseparáveis. Também é possível observar a postura de influenciadores como ele em atos simbólicos, como ajoelhar-se e levantar as mãos para o céu.

Da mesma forma, o candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro, iniciou seu primeiro discurso como presidente eleito (em 2018) com uma oração de agradecimento a Deus, conduzida por pastores.

A sociedade patriarcal e a naturalização da violência contra as mulheres

Temos, portanto, o gênero como um dos elementos estruturantes de nossa sociedade, assim como a raça e a classe. É um produto social, fundamental nesta sociedade patriarcal, que se sustenta em relações de dominação e submissão. Além disso, não podemos limitar a violência apenas à violência física, mas também considerá-la sexual, moral e psíquica, seja em âmbito público ou privado.

Com relação à sociedade patriarcal, Saffioti (2004, p. 47) nos aponta que “é o regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens.” Essa lógica que estrutura a sociedade banaliza o fenômeno que chamamos de violência contra as mulheres. Nessa concepção, naturalizou-se a mulher como “domesticável”, que necessita de um homem para protegê-la e orientá-la. Por esse motivo, ela se encontra passiva de violência, precisando, em alguns momentos, de alguma correção.

Especificamente do que tratamos neste texto, o estupro (Segato, 2016) se apresenta como um ato alegórico por excelência, pois em um único ato há a dominação física e moral da outra pessoa. A dominação moral é apenas a consumação do ato, afinal, dentro de um contexto neoconservador, a sexualidade é coberta de moralidade. Além disso, o estupro não acontece exclusivamente nessa relação entre agressor e vítima, mas sim na sua relação com outros homens. É um crime que acontece em sociedade, pois o agressor e a coletividade dividem o mesmo imaginário de gênero. Ou seja, o sujeito que executa o crime age sempre em companhia, a partir de um mandato de masculinidade (Segato, 2018).

Esse mandato exige que o homem prove sua masculinidade a todo o tempo, porque é ela que está em oposição à feminilidade, conferindo-lhe um status, um prestígio. Assim, o sujeito que se torna um estuprador está exposto ao mandato de masculinidade, onde ele precisa exhibir sua capacidade e sua posição de homem, inclusive para outros homens. Mesmo que atue sozinho, os "parças" estão sempre à sombra, exigindo, testando e provando a masculinidade desse indivíduo. Para que o homem tenha sua masculinidade comprovada, é necessário reduzir a posição feminina. É disso que o patriarcado se nutre.

Deus, pátria e família na terra dos parças: reflexões sobre gênero, extrema-direita e uma pedagogia da crueldade

O estupro coloca a sua vítima, na maioria das vezes uma mulher, nessa redução feminina. Tanto a masculinidade quanto a feminilidade se constroem nessa matriz heterossexual, a matriz patriarcal, onde o estupro “é uma ação feminilizante que reproduz um ato arcaico” (Segato, 2018, p. 41, tradução nossa).

Por certo que o patriarcado é alimentado pelas relações de poder estabelecidas e propagadas socialmente. Consequentemente, a violência de gênero está presente de forma constante na sociedade. Portanto, é possível compreender que:

O poder apresenta duas faces: a da potência e a da impotência. As mulheres são socializadas para conviver com a impotência; os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder. Convivem mal com a impotência.” (Saffioti, 2004, p. 89).

Beauvoir (1980) nos ajuda a compreender as relações de poder ao explicitar o fato de a categoria gênero não ser definida por si mesma, mas pelo olhar do homem. Sendo assim, o que se pode compreender é que a dominação e a violência, bem como a naturalização delas, estão presentes no cotidiano das mulheres. Entendemos como um mecanismo que perpetua o poder masculino o pacto dos homens para manterem-se no poder.

E, considerando os apontamentos anteriores, assim como os relatos sobre os ocorridos envolvendo os jogadores de futebol, podemos compreender que o estupro, na sociedade patriarcal, é um comportamento sexual forçado, naturalizado e, mais ainda, justificado.

O que compreendemos, portanto, é que o estupro é a imposição de poder e controle sobre o corpo da mulher, com a certeza de que ela é o objeto que precisa ser dominado. Quando falamos desse tipo de violência como fenômeno estrutural presente na estrutura patriarcal da sociedade, podemos perceber esta violência como controladora, histórica e presente em todas as esferas sociais: família, igreja e espaço público.

O que esses homens têm a ver com o que estamos falando? A falsa moral e o misticismo bíblico têm muita influência no fato de associar as mulheres e seus corpos como algo que chama a atenção dos homens, algo que desperta um desejo incontrollável. Essa situação associa a mulher ao vício e à perversão, de modo que o homem constrói um desejo incontrollável, possui hormônios diferentes e, portanto, em determinadas situações, pode agir como lhe convém.

“Infelizmente, atualmente ainda existe esse movimento feminista...”: para não concluir:

A frase mencionada no último tópico deste texto foi proferida pelo jogador Robinho em uma das últimas entrevistas para um canal de TV aberta, em 2020. Ela não está fora de contexto, mas inserida dentro de um cenário em que o clube de futebol em que jogava na época, o Atlético Mineiro, rescindiu o contrato com o jogador após intensas manifestações das torcedoras atleticanas.

Após esse episódio, o jogador tentou voltar a jogar pelo Santos, time em que iniciou sua carreira, mas, novamente, após intensas manifestações, ocorreu o rompimento de contrato. As manifestações provinham também de torcedoras vinculadas ao movimento feminista, que alegavam ser vergonhoso um time de futebol proteger um estuprador.

A justiça não nos protege, a polícia não nos protege, os políticos não nos protegem. Nós, mulheres, precisamos proteger umas às outras e conhecer nossa história e reconhecer nossas vitórias. A luta é parte do cotidiano e ela acontece a partir da perspectiva feminista e movimentos sociais.

Ao considerarmos o contexto das diversas violências que as mulheres sofrem, tanto na esfera pública quanto na privada, onde os homens buscam de todas as formas nos anular, ter o poder de decisão sobre os nossos corpos, os jogadores e *influencers*, com a benção de seus parças e políticos, principalmente o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, vem naturalizando a cultura do estupro.

Na sociedade, sob a perspectiva do conservadorismo e patriarcado, compactuam com os assédios, com a violência sexual, com a tentativa de dominação e opressão das mulheres. A frase “Infelizmente, atualmente existe o movimento feminista” é seguida pelas “Muitas mulheres, às vezes, não são nem mulheres, para falar o português claro...” demonstrando uma visão explícita de que há mulheres que merecem ser violentadas, enquanto outras não. Essas pessoas nos reduzem a objeto, haja vista que ocupam o topo da ordem das bicadas. Perpetuam a violência contra a mulher, que como vimos é admitida pela sociedade patriarcal, principalmente pelo pacto dos parças nas situações.

As violências contra as mulheres sempre são justificáveis, os estupros ocorrem em qualquer lugar, em qualquer condição. Independente da conduta da mulher, algo será encontrado para que de alguma forma ela seja culpada e, principalmente, somente pelo fato de ser mulher.

É possível que o jogador Robinho que hoje cumpre pena por estupro coletivo na penitenciária de Tremembé nunca tenha ouvido falar em Donatella Colasanti. Também é possível que quando o caso ganhou repercussão na Itália ele tenha tomado conhecimento do Massacre de Circeu. Contudo é inegável que a luta de Donatella, juntamente com as demais feministas mudaram a lei italiana, devido a isso, o estupro é punido como crime. Importante destacar que a lei Italiana demorou a mudar, quando isso aconteceu casos como o do ex-jogador Robinho não tem um fim de impunidade e descaso, a polícia nesse caso foi ágil, e os protocolos de segurança cobrados, levando assim a condenação do jogador em todas as instâncias judiciais tanto na Itália e por conseguintes no Brasil.

A epígrafe deste artigo são as últimas palavras de Donatella Colasanti. Ela morreu precocemente dia 30 de dezembro de 2005, aos 47 anos, de câncer de mama e nos desafia a lutar pela verdade e pela vida das mulheres.

Referências

AMBU, Fabiano. VALENTI, Leonardo. **Il massacro del Circeo: Un delitto per bene**. Editora Pick Up, 2021.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BIROLI, Flávia. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BROWN, Wendy, Rodolfo Lopes da Silva; CAETANO, Marcio.; Cristiano Wander de Carvalho, H. (2024). Pesadelo Americano: Neoliberalismo, Neoconservadorismo e Des-Democratização. **Cadernos De Educação**, (68). <https://doi.org/10.15210/caduc.vi68.27547>
Pelotas, n. 68, e024064, 2024| p. 1-33

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

Documentário **“O caso Robinho”**. Episódio 2. Minuto 22:30. Disponível na plataforma Globoplay. Acesso em 20 nov. 2024. Link <https://globoplay.globo.com/o-caso-robinho/t/FBb9bZrPz7/temporadas/1/>

Documentário **“O caso Robinho”**. Episódio 2. Minuto 27:37. Disponível na plataforma Globoplay. Acesso em 20 de nov. 2024. Link <https://globoplay.globo.com/o-caso-robinho/t/FBb9bZrPz7/temporadas/1/>

GENTILHOMME, Serena. **Circeo: Anatomie d'un massacre annoncé**. Editora Librinova. 2018

Robinho: jogador já foi acusado em outro caso estupro em 2009 na Inglaterra; entenda. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/06/robinho-jogador-ja-foi-acusado-em-outro-caso-estupro-em-2009-na-inglaterra-entenda.ghml> . Acesso em 05 dez. 2024.

MOLAIOLI. Andrea Miniserie Circeo. Paramount 2022. Diretora: Andrea Molaioli . link <https://www.imdb.com/pt/title/tt13879366/fullcredits/>

Robinho: “Infelizmente, existe esse movimento feminista”. **Carta Capital**, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/robinho-infelizmente-existe-esse-movimento-feminista/> Acesso em 20 nov. 2024.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. Bahia: Ministério Público do Estado da Bahia, 2004.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (Orgs). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madri: Traficantes de Suenos, 2016.

SEGATO, Rita Laura. **Contra-pedagogias de la crueldade**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

UOL Esportes. Histórias: os grampos de Robinho. Podcast. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/podcast/uol-esporte-historias/> Acesso em: 15 out. 2024.

Notas

ⁱ Ver imagens reais. Il massacro del Circeo: quei "bravi ragazzi" dei Parioli responsabili del più barbaro femminicidio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j83csx8J1pk> . Acessado em novembro de 2024.

ⁱⁱ Ver entrevista com Donatella Colasanti. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Uv2yhl1gwU . Acessado em novembro de 2024.

ⁱⁱⁱ Ver Prêmio Donatella Colasanti e Rosaria Lopez. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JQDoUA9lgiw> . Acessado em: novembro de 2024.

Sobre as autoras

Amanda Motta Castro

Professora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Possui estágio de Pós-doutorado em Estudos Feministas pela Universidad Autónoma Metropolitana /CDMX (2022). Doutora pelo programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS/CAPES. Realizou mestrado na mesma instituição. É graduada em História e Pedagogia (2000). Integra la Comunidad de Pensamiento Feminista Latinoamericano: El Telar e o Grupo de Estudos Feministas Lélia Gonzalez (CNPq). É associada à ANPUH (Associação Nacional de História) e à ANPED

(Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação) onde atua no comitê científico. Com o olhar epistemológico na América Latina e Caribe desenvolve investigações no campo das ciências humanas e sociais nos seguintes temas: Mulheres, Feminismos, Direitos humanos, desigualdades e políticas públicas.

E-mail: motta.amanda@gmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-0471-1240>

Desirée Pires

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em 2021. Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em 2017. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel). Compõe o Grupo de Pesquisa e Estudo Interdisciplinar Lélia Gonzalez (CNPq) e o Grupo Mariposas: minorias sociais, resistências e práticas de transformação (CNPq). Associada à ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). Possui interesse nas áreas de pesquisa: educação, políticas de ascensão da extrema direita, ativismo de mulheres nas redes sociais, feminismo interseccional e história das mulheres.

E-mail: desireepires@gmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-7862-1427>

Raylene Barbosa Moreira

Pedagoga pela Universidade Federal Fluminense. Mestra em educação pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (Bolsista CAPES) e Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinar Lélia Gonzalez e Grupo de Pesquisa Aprendizados ao Longo da Vida (UERJ). Pesquisa Educação em espaços de privação de liberdade, Educação Popular, Direitos Humanos em Educação a partir da perspectiva feminista.

E-mail: raylenemoreira9@gmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-9641-634X>

Recebido em: 01/06/2025

Aceito para publicação em: 10/06/2025